

De heróis e bandidos: quando as bordas se desfazem

O universo imagético apresentado por Alex Romano vem povoado por seres fantásticos e outros de extração do mundo concreto. Formas fantasmagóricas divertidas e figuras de reconhecimento imediato (como cavaleiros, cangaceiros, saltimbancos e índios), são personagens de uma trama dimensionada pela imaginação do artista que os ambienta em amplos espaços, vazios e cenários regidos pelo silêncio. Nem heróis, nem bandidos: aqui todos são seres de um imaginário conciliador.

Essa mostra de pinturas, desenhos e gravuras, revela uma diversidade de cores e procedimentos – que só têm sido ampliados pelo artista nos últimos tempos. Imagens com grandes áreas planas de cor convivem harmoniosamente com outras de colorido fluido, dado por gestualidade e manchas. A diversidade de procedimentos, articulada com o uso explosivo da cor e das figuras, combina recursos aparentemente díspares; faz botar fim a noções que ainda poderiam colonizar imaginários: a unicidade estática do Mundo. Nessas obras o que se revela é a constatação da multiplicidade e a possibilidade de convivência harmonizada das diferentes coisas.

A condição formal das obras pode ser sintoma de uma sensibilidade que por meio de novos temas - tais como os tipos marginalizados e desvalidos - incorporados àqueles já repertoriados, enuncia a necessidade de novos olhares sobre as fronteiras constituídas por concepções enrijecidas, tanto das artes como da realidade social. A urgência de expansão, temática e processual, sintoniza-se com a fúria com que o Mundo hoje apresenta sua complexidade. O abandono da arcaica visão polarizada das existências (caracterizadas, por exemplo, pelo bandido e o herói) que regeu a conformação da realidade ocidental até recentemente, abre espaços para novas colorações da percepção e estas permitem convivências contrastantes, reconstruções da moralidade e deslocamentos das noções de margem e centro.

Um artista como Alex Romano pode apresentar uma arte afável e, nem por isso, deixar de ser esta reflexiva. Sua inquietude e busca contínua por novas soluções formais não deixa de ser reveladora de uma constituição subjetiva que mira o Mundo livre de tantas construções restritivas, sem os limites rígidos para as possibilidades da arte ou da existência.

Paulo Trevisan